



MEDIEVALISTA

N.º 39 | Janeiro – Junho 2026

ISSN 1646-740X

O Medievo nas Jornadas Internacionais
Coisas de deleite e fruição. Arqueologia dos Prazeres

The Middle Ages at the International Conference
Things of delight and enjoyment. Archaeology of Pleasures

Isabel Cristina Ferreira Fernandes

IEM –NOVA; GEOS; Museu Municipal de Palmela
2890-138 Alcochete / Portugal

isacrisff.ed@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0725-7768>

Data recepção do artigo / Received for publication: 6 de Dezembro de 2025

DOI: <https://doi.org/10.34619/hkjj-qoz2>

Das 53 comunicações e dos 16 *poster/s* que constaram do programa, é nosso propósito destacar nesta notícia os que trataram assuntos enquadráveis no período medieval.

Na secção *Deleites de Comer e Beber* o protagonismo coube à zooarqueologia, que, através de análises de restos faunísticos, deu a conhecer os hábitos alimentares de duas elites: da cidade de Setúbal e dos freires da Ordem de Santiago que habitaram o Castillo de la Estrella (Montiel, Ciudad Real).



Figura 2 – Apresentação de estudo zooarqueológico referente ao Castillo de la Estrella – Montiel. Foto G. Cardoso.

A primeira, a cargo de Clara Guerreiro e Cleia Detry, registou elementos anatómicos de veado (*Cervus elaphus*), javali (*Sus scrofa*), coelho (*Oryctolagus cuniculus*), cavalo (*Equus caballus*) e de bivalves - vieiras (*Pecten maximus*), ostras (*Ostrea edulis*) e santola (*Maja squinado*), provenientes de sítios arqueológicos do centro histórico de Setúbal. Os produtos de caça e de pesca foram apresentados como recursos de uma dieta variada da elite medieval-moderna da cidade, que valorizava os prazeres gastronómicos e, em momentos de sociabilidade, os usava como forma de exibição de *status*.

No castelo-convento da Estrella de Montiel, da Ordem de Santiago, as investigações arqueológicas revelaram um aljibe, reutilizado como lixeira nos períodos baixo-

medieval e posterior. Num estudo assinado por Jesús Molero García, David Gallego Valle e Rubén Alonso López, destacaram-se os restos faunísticos de “caça maior”, vinculados a práticas da nobreza e que os autores relacionaram com o processo de aristocratização das ordens militares neste período.

O apartado *Adornos Pessoais* englobou um número significativo de trabalhos, evidenciando os prazeres do belo no quotidiano, no conforto e na distinção individuais.

Andreia Arezes, para contextos sepulcrais da Antiguidade Tardia, identificou singularidades e algumas recorrências nos materiais de adorno depositados, às quais acredita estarem subjacentes intenções de visibilidade. A partir de casos particulares, procurou interpretações plausíveis e discutiu hipóteses de trabalho.

Para o período islâmico, Lígia Rafael e Rute Fortuna revisitaram a colecção de adornos proveniente de escavações arqueológicas de Mértola, peças em ouro, prata, bronze, cobre e latão, trabalhadas segundo técnicas reveladoras da mestria muçulmana na arte do metal. Na ornamentação destes objectos prevalecem os temas geométricos, florais e epigráficos, associados a simbologia cosmológica e filosófica.

Isabel Cristina Fernandes, para o mesmo período – contextos almóadas de finais do século XII –, apresentou um conjunto de quatro fivelas e um elemento de fivela, em bronze dourado, duas delas exibindo figuras zoomórficas. Tanto pelo requintado labor técnico, como pela simbologia iconográfica, interpretaram-se como produções para grupos restritos, que as usaram como elementos distintivos da sua condição sócio-política.

Gonçalo Lopes, Manuela Pereira e Susana Roque deram a conhecer algumas joias em prata/liga de cobre, com contas de âmbar e cornalina, integradas num tesouro monetário do século XV, procedente de um silo escavado na área da cerca do Convento da Saudação, castelo de Montemor-o-Novo. Outros contextos medievais escavados no castelo forneceram igualmente objectos de adorno de distintas tipologias.

O subtema *Expressões Artísticas em Cerâmica* foi representado por duas comunicações sobre o Período Islâmico. A de Susana Gómez Martínez, sobre a “pele”

da cerâmica no al-Andalus, evocou os deleites do tacto obtidos através das texturas das superfícies das peças em cerâmica. Valorizando a análise das sensações produzidas na pele pelo contacto com esses objectos, abordagem pouco comum, questionou sobre a influência das características tácteis no fabrico e na evolução das preferências de consumo.

Os autores que integram o grupo CIGA (Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus)¹ forneceram uma visão geral sobre as expressões artísticas da cerâmica do Garb, através das temáticas decorativas, da cor e da forma. Estabeleceram distinções na ornamentação, entre os períodos omíada e almorávida-almóada, concluindo pela prevalência de motivos vegetalistas, zoomórficos e antropomórficos no primeiro e geométricos, arquitectónicos e epigráficos no segundo. Discutiram influências no processo evolutivo, condicionantes e simbologias religiosas, motivações propagandísticas e propósitos estéticos fundados na conjugação entre a funcionalidade e a mensagem a transmitir.

Foi também pela cerâmica islâmica que, no apartado *Representações de Música, Teatro e Dança*, se aludiu à música. Ana Dias, Sandra Cavaco e Jaquelina Covaneiro recorreram ao célebre Vaso de Tavira, interpretado como um presente de casamento por vários outros autores, para realçarem a representação de dois instrumentos musicais: o *duff* e talvez um pequeno tambor do tipo *darabuka*. Na análise das figuras dos tocadores, reflectiram sobre aspectos de iconografia musical, entre outras dimensões.

Dentro da secção *O Habitat: Evidências de ócio, aparato e belo*, foi uma vez mais o medieval islâmico a estar representado, com uma abordagem de Rosa Varela Gomes, sobre os estuques do Palácio das Varandas, no castelo de Silves. Evocando o tempo do rei-poeta al-Mutamid neste palácio (1052-1058), a autora apresentou um conjunto de estuques do edifício, recuperados por via arqueológica, com ornamentação em relevo, pintura polícroma e motivos antropomórficos, arquitectónicos, fitomórficos e geométricos, expressão de um ambiente requintado, onde o lazer se unia aos prazeres intelectuais.

¹ Maria José Gonçalves; Susana Gómez; Jacinta Bugalhão; Helena Catarino; Marco Liberato; Sandra Cavaco; Jaquelina Covaneiro; Gonçalo Lopes; Isabel Cristina Fernandes; Isabel Inácio; Constança dos Santos; Ana Sofia Gomes; Andreia Rodrigues.

O subtema *Jogar e Brincar* suscitou a produção de vários *poster/s* que se centraram essencialmente nos jogos de tabuleiro e nas malhas de jogo, o elemento lúdico mais frequentemente exumado de contextos arqueológicos.

Jaquelina Covaneiro e Sandra Cavaco evidenciaram estas práticas de entretenimento quotidiano através de peças recolhidas em escavações de Tavira, ao longo de 20 anos e de várias cronologias, incluindo a medieval: malhas (em cerâmica e em osso), dados (em osso) e esferas (em cerâmica e em pedra).

Isabel C. Fernandes, Miguel Correia, Vítor Pereira e Cláudia S. Oliveira trouxeram testemunhos idênticos, provenientes de contextos medievais islâmicos e cristãos, com destaque para um tabuleiro de jogo “Alquerque de Nove”, riscado sobre suporte marmóreo. Proporcionaram, através dessa peça, de dois dados de jogo e de uma variedade de malhas em cerâmica, um vislumbre do quotidiano de lazer dos militares que habitaram a fortificação e dos habitantes da vila em tempos medievos.

Alargando o universo dos objectos de função lúdica, António Manuel Silva trouxe um levantamento geral de achados arqueológicos desta temática, da região do Porto, onde se incluíram os brinquedos (miniaturas de recipientes cerâmicos, pequenas figurinhas) e instrumentos musicais (flautas, ocarinas).

Para o período medieval-moderno em Serpa foram registados 26 exemplares de tabuleiros de jogo gravados em pedra. Miguel Serra, Pedro Martins, Amélia Fernandes e Mariana Faria mostraram como o Museu Municipal de Serpa tem desenvolvido acções de salvaguarda e divulgação educativa deste património: foi criado um roteiro com percurso interpretativo dos locais onde se registaram esses tabuleiros, executadas réplicas e realizadas recriações históricas que possibilitaram a experimentação da manufactura destes objectos lúdicos e a aprendizagem do jogo propriamente dito.

O estudo das actividades de recreio e dos ambientes infantis medievais recebe, assim, contributos significativos das materialidades, que se registam um pouco por todo o país e que merecem sair da secundarização a que têm sido votados.

Fora dos apartados subtemáticos propostos, Virgílio Lopes abordou o processo de cristianização primitiva de Mértola (finais do século V a inícios do VIII) através dos

baptistérios aí registados. Nos rituais de baptismo a eles associados reconheceu os deleites do divino, o prazer do acesso à nova via do Deus único cristão.

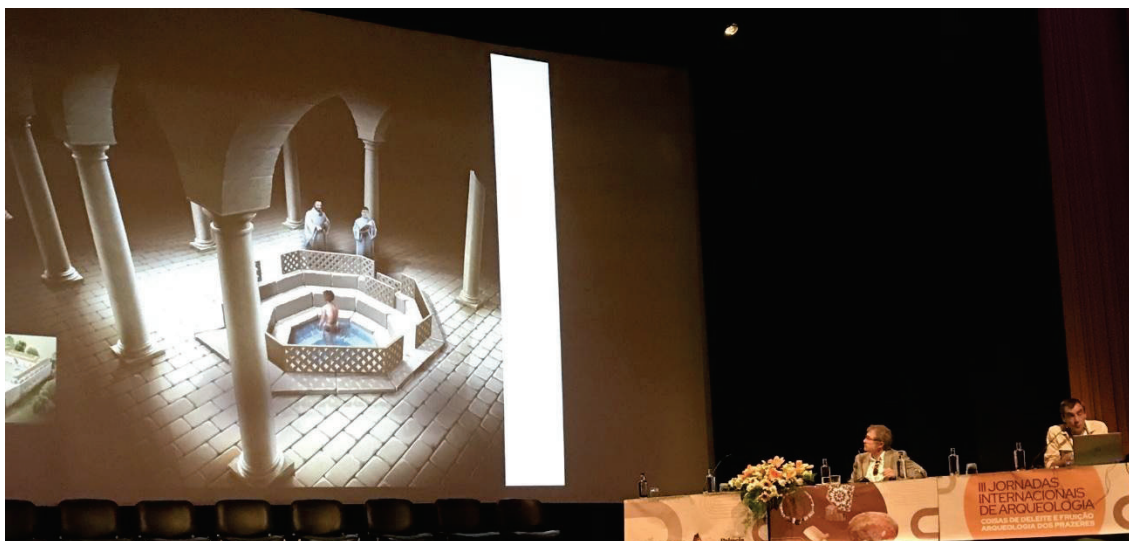


Figura 3 – Apresentação da comunicação sobre o processo de cristianização primitiva de Mértola. Foto ICF.

Para complementar os três dias de sessões teóricas das jornadas, realizaram-se duas visitas de estudo: uma aos Banhos Medievais Islâmicos de Loulé, orientada por Susana Gómez Martínez², com a colaboração de Rui Roberto de Almeida³, e outra ao complexo da *Villa Romana* de Milreu (Estói, Faro), conduzida por João Pedro Bernardes⁴.

O *hamman* ou banhos públicos islâmicos de *Al-'Ulyà* (Loulé) construíram-se adossados à muralha na primeira metade do século XII. As escavações arqueológicas puseram a descoberto parte do complexo, constituído por vestíbulo, sala fria, sala tépida, sala quente e compartimento da fornalha. O excelente enquadramento museográfico das estruturas e do espólio seleccionado faz deste um espaço de conhecimento obrigatório, como bem se constatou na visita organizada no âmbito destas jornadas. O catálogo inclui estudos vários sobre os Banhos e a Casa Senhorial dos Barreto (século XV), constituindo um recurso indispensável para o entendimento mais completo do conjunto.

² Universidade de Évora e Campo Arqueológico de Mértola.

³ Museu Municipal de Loulé.

⁴ Universidade do Algarve.



Figura 4 – Visita aos Banhos Medievais Islâmicos de Loulé. Foto ICF.

Com ocupação entre o século I e o século XI, o majestoso templo que servia a residência senhorial de Milreu, construído no século IV, foi cristianizado no século VI e usado como espaço cemiterial durante o período islâmico. A explanação sobre os detalhes arquitectónicos e funcionais do edifício, bem como sobre a sua evolução, garantiu aos participantes na visita a percepção da valia científica deste sítio arqueológico.

Os organizadores destas jornadas pretenderam que se reflectisse através das materialidades sobre o que, ao longo dos tempos, foi apazível ao ser humano, na incessante procura de contentamento. Os estudos apresentados trataram de distintas fontes de deleite e fruição, como as artes, o jogo, os alimentos, a sensualidade, o adorno, os detalhes de conforto e de requinte da habitação. O período romano foi o mais abundantemente contemplado, mas a panorâmica conseguida para a Idade Média abriu, em nosso entender, várias novas perspectivas de análise, que importa serem alimentadas e desenvolvidas.



Figura 5 – Visita à *Villa* romana de Milreu. Foto ICF.

Referências Bibliográficas

AA. VV. – *Livro de resumos das Jornadas Internacionais Coisas de Deleite e Fruição. Arqueologia dos Prazeres*. Palmela: Município de Palmela, 2025.

BERNARDES, João Pedro – “O peristilo da Villa romana de Milreu: novas interpretações”. *Promontoria* 4 (2006), pp. 127-160.

HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix – *Milreu: Ruínas*. Lisboa: IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico, 2002.

PAULO, Dália – “Os Banhos islâmicos de Loulé e a Casa Senhorial dos Barretos: da arqueologia urbana à musealização de um sítio singular”. *Medievalista* 34 (2023), pp. 547-564.

PAULO, Dália; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; OLIVEIRA, Luís; ALMEIDA, Rui de; PIRES, Alexandra (coord.) – *Banhos islâmicos e Casa Senhorial dos Barretos: do Lugar ao Museu*. Loulé: Museu Municipal de Loulé, 2023.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira – “O Medievalo nas Jornadas Internacionais *Coisas de deleite e fruição. Arqueologia dos Prazeres*”. *Medievalista* 39 (Janeiro – Junho 2026), pp. 371-380. Disponível em <https://medievalista.iem.fch.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).